

ZÉRO

FLORIANÓPOLIS, DEZEMBRO DE 2000 - ANO XVI - NÚMERO 4

Voluntários



Conheça as histórias do voluntariado:

- no presídio de Florianópolis - pg.3
- no Centro de Apoio ao Paciente com Câncer - pg.4
- na APAE - pg.8
- no programa Voluntários em Ação - pg.10
- no CVV - pg.11
- no Lar Recanto do Carinho - pg. central

A inglesa Annette com o filho, H.R., que até os dois anos de idade morava no Lar Recanto do Carinho. (central - foto: Leo Miranda)

Expediente

O Zero é o jornal-laboratório do
Curso de Jornalismo da Universidade
Federal de Santa Catarina.

Coordenação

Prof. Henrique Finco

Copidesque

Ana Paula Lacerda e Humberto Maia

Edição

Ana Paula Lacerda

Projeto Gráfico

Mário Inácio Coelho, Ana Paula Lacerda
e Wagner Leandro Maia

Edição Gráfica

Ana Paula Lacerda e Wagner Maia

Edição de texto

Ana Paula Lacerda e Humberto Maia

Editoração Eletrônica

Ana Paula Lacerda, Humberto Maia e

Wagner Leandro Maia

Fotografia

Jhovito Corrêa, Leonardo Miranda e

Ginny Carla Moraes

Repórteres

Guilherme Longo Triches, Clarissa Borba,

Jhovito Correa, Thais Shigeoka, Karina

Keller, Ana Paula Cardoso, Magaly

Negrão, Mariana Mesquita

Arte gráfica

Wagner Leandro Maia

Impressão

Diário Catarinense

Redação

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Curso de Jornalismo

Campus da Trindade

88040-900 - Florianópolis, SC

Telefones

(48) 331 94 90

(48) 331 90 84

Fax

(48) 331 98 98

Home Page

www.jornalismo.ufsc.br

Endereço Eletrônico

zero@cce.ufsc.br

Editorial

Com a falência das instituições oficiais de assistência e também do sistema público de saúde, quadro que é agravado com a crise social e econômica pela qual passa o Brasil neste novos-velhos tempos de neoliberalismo triunfante, a solidariedade deixa de ser apenas um conceito ético, ou uma atitude de espíritos superiores, passando a assumir o caráter, aparente, de “única via” para diminuir a miséria social.

O crescimento do trabalho informal, estimulado pelo governo, indica que este quadro só tende a piorar. Lembrando: trabalho informal não contribui para o sistema público de previdência, mas chegará o momento em que estes trabalhadores informais, por incapacidade ou por idade, terão que parar de trabalhar, engrossando as demandas por serviços de saúde e assistência. Nesta hora, encontrarão um sistema falido, já que apenas uma pequena parcela da população ativa (os trabalhadores formais) contribuíram para este sistema.

Junto com as iniciativas de desmonte dos suportes públicos de assistência, o governo e a imprensa alinhada a ele (o que vale dizer: praticamente toda a imprensa) têm feito campanhas para “estimular” o trabalho voluntário, e isto em áreas como a saúde e educação, entre outros – que são responsabilidade do estado, por dever constitucional, e pela tradição institucional brasileira que remonta ao Estado Novo.

A comparação que aparece nestas campanhas pelo voluntariado é com a sociedade norte-americana. “Lá”, dizem os jornais, “o trabalho voluntário é disseminado e tem importante função social”, em contraposição à sociedade brasileira que, implícita ou explicitamente, é retratada como de 3º mundo, atrasada. A mensagem é a de que, mais uma vez, devemos imitá-los. Esquecem de dizer que a realidade não é bem assim, que a assistência pública funciona lá (embora deixe muito a desejar) e que o trabalho voluntário cobre apenas áreas que não são dever do estado. Esquecem de dizer também que a sociedade norte-americana é muito diferente da nossa, não só em suas necessidades, como também em sua tradição institucional.

A comparação deveria ser com a Europa, onde a assistência social é extremamente avançada, mesmo com as mutilações que governos como a da Thatcher chegou a fazer. O sistema europeu foi criado em pleno ambiente da social-democracia e representa conquistas importantes de mobilizações populares. Além disto, funciona!

Os voluntários que trabalham em creches, atendem aidéticos, fazem atendimento médico e odontológico gratuito, dão abrigo aos sem-teto e prestam sua solidariedade a todos os desamparados merecem nosso respeito e seu trabalho deve ser louvado, principalmente em suas intenções e princípios éticos. Mas não representa uma solução global. Hoje é comum, em vários estados brasileiros, o ensino de 1º e 2º graus ter professores voluntários, recebendo, quando muito, uma pequena ajuda de custo para o transporte. O problema é que a maioria destes professores voluntários não tem as habilitações mínimas para exercer este trabalho. Há arquitetos lecionando biologia, jornalistas lecionando química, e assim por diante. O tipo de formação que alunos terão num quadro destes certamente deixará muito a desejar, e será mais um fator a empurrar ainda mais para baixo os padrões brasileiros em qualquer área que se considere.

Presos rezam para suportar a pena

Detentos do presídio de Florianópolis buscam tranquilidade nas religiões pregadas por voluntários

foto: Ginny Carla Moraes

Clarissa Borba
da Redação do Zero

O presídio de Florianópolis conta, atualmente, com cinco grupos religiosos que prestam assistência religiosa e moral aos seus 300 presidiários. Orações, leitura da Bíblia, estudos sobre a vida de Jesus e conforto espiritual são o que os grupos oferecem. Os voluntários também doam cestas básicas e materiais de higiene, como toalhas, escovas e pastas de dente.

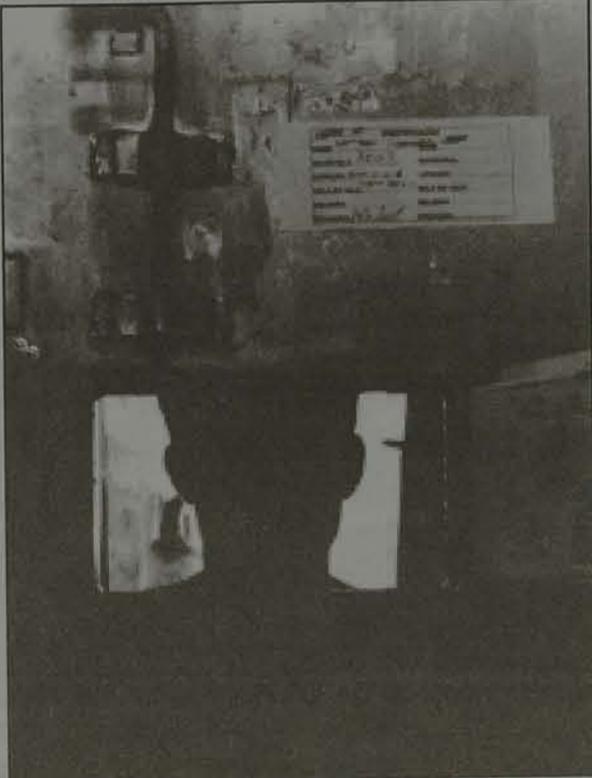
De segunda à sexta, os presos recebem visitas programadas nas galerias do presídio. Segunda-feira, o Pastor Romário, da Congregação Progressista Cristã, conversa com os detentos; terça, é o capelão Pastor Antônio Martins da Igreja Batista; quarta-feira, representantes da Igreja Universal; quinta, o Pe. Ney Pereira, coordenador da Pastoral Carcerária, celebra missas, atende confissões, batiza os filhos dos presidiários e sexta-feira, o Sr. Luigi Farazzi, da Igreja muçulmana, prega os ensinamentos do Islamismo. A assistente social do presídio, Roseana da Silva, explica que os presos gostam desse tra-

balho e geralmente participam de todos os grupos até se identificarem com um deles.

Jorge Simões de Olivei-

em uma fábrica de papel. "Pretendo passar a outros jovens a mensagem de Deus que recebi aqui", revela.

foto: Ginny Carla Moraes



Outro presidiário, João Aurélio Vogel, 28 anos, também afirma que sua vida melhorou após conhecer o Islamismo. Ex-seminarista, réu primário acusado de ter mandado matar a ex-mulher, diz ser inocente porque não teve contato com ela na época em que foi morta. "O Islamismo me fez ver que minha vida pertence a Deus".

João conta que quando chegou na cadeia queria

"Após conhecer Jesus, comecei a ter amor próprio"

Jorge de Oliveira, detento

ra, 34 anos, detento de Florianópolis, diz que antes de ser preso não era cristão e que a Igreja Universal promoveu o encontro com Jesus Cristo. "Após conhecer Jesus comecei a ter amor próprio" afirma. Jorge era

traficante de drogas, vindo do Rio de Janeiro e acusado de homicídio, embora garanta

não ter matado ninguém. Jorge conta que já perdeu as pessoas que o colocaram lá graças ao encontro com Deus: "Aqui eu arrumei a minha vida", diz. No presídio, ele conheceu sua mulher que já está em liberdade. Ano que vem, ele também sai, com emprego garantido



Trabalhar diminui o tempo de permanência na cadeia

mão de obra carcerária. Há oficinas de costura de sapatos, de fabricação de fios elétricos e de reciclagem de papel. O agente prisional Adilson M. da Silva conta: "a relação com os prisioneiros que participam das oficinas é muito boa". Eles o consideram um grande amigo. "Tem dias que eu fico até às 11:30 da noite tomando

um cafezinho com eles". Apesar dos esforços dos grupos religiosos, ainda há carência de voluntários, afirma a assistente social do presídio. "A comunidade pode ajudar trazendo livros, material de higiene ou simplesmente fazendo uma visita a essas pessoas que ficam espremidas numa cela, isoladas do mundo".

foto: Ginny Carla Moraes



A cura por tratamentos alternativos motiva pacientes a serem voluntários

No CAPC, as pessoas que foram tratadas voltam ao centro para ajudar aqueles que estão doentes

foto: Leonardo Miranda

Taís Shigeoka
da Redação do Zero

O local

Aos 30 anos, a telefonista Maria Angelita Rachadel descobriu que tinha um problema auditivo irreversível, ao fazer exames anuais com funcionários do banco onde ela trabalha. Um de seus exames, o de audiometria, acusou uma perda auditiva. O laudo médico dizia que ela jamais voltaria a escutar perfeitamente e teria que se aposentar. De acordo com o médico, não existia nenhum tratamento e ela teria que usar aparelho auditivo.

Maria Angelita ficou um ano afastada do trabalho. Durante este período, foi buscar ajuda no Núcleo Espírita Nosso Lar (NENL), onde foi encaminhada para o Centro de Apoio ao Paciente com Câncer (CAPC). "Não entrava na minha cabeça me aposentar aos 30 anos, então eu fui buscar ajuda no Núcleo e lá me curei".

Ela se submeteu a uma operação espírita e continuou o tratamento com os medicamentos fornecidos pelo CAPC. "Foi tudo maravilhoso. O local é ótimo, mesmo que você esteja, não se sente doente. O clima de paz e de fé te ajudam a se sentir bem e a superar a doença".

Quando retornou ao médico e refez os exames, foi constatado que o problema havia desaparecido. "Ele disse que era impossível. Foi difícil para ele fazer outro laudo atestando que eu estava apta para trabalhar, já que contestava o laudo anterior que dizia justamente o contrário".

Hoje ela ouve perfeitamente e continua trabalhando. "Depois do tratamento, quando vi que estava realmente boa, senti necessidade de fazer algo em agradecimento e decidi fazer isso através do meu trabalho, ajudando outras pessoas assim como eu fui ajudada". Ela trabalha como voluntária na farmácia do NENL todas as quartas-feiras, ajudando as pessoas através de terapias e passes.

No Centro de Apoio ao Paciente com Câncer (CAPC), vinculado ao Núcleo Espírita Nosso Lar (NENL), trabalham, de terça-feira à sábado, cerca de 160 voluntários. Segundo o coordenador de recursos humanos do Centro, José Manoel Nolasco, a maioria dessas pessoas são pacientes e ex-pacientes, que ajudam nos trabalhos não-espírituais do CAPC. "Já para trabalhar como médium colaborador, a princípio, é preciso um ano de estudos no NENL, todos os sábados, sobre a doutrina do Núcleo, seguido de um retiro espiritual".

Entre os voluntários estão médicos, enfermeiros, atendentes, psicólogos, terapeutas, religiosos, faxineiros, motoristas, cozinheiros, professores, bioquímicos, laboratoristas e bancários. Essas pessoas cuidam da limpeza do local, da alimentação dos pacientes, transporte,

"Senti necessidade de fazer algo em agradecimento, ajudando outras pessoas, assim como eu fui ajudada"

Maria Angelita Rachadel

jardinagem, atendimento, fabricação e distribuição de medicamentos, administração e captação de recursos.

Alguns voluntários fazem parte dos Grupos de Assistência Convencional, formados por médicos, assistentes sociais, psicólogos e nutricionistas, que dão atendimento individual e em grupos à pacientes com a mesma patologia, além de organizar palestras e orientações à comunidade. Outros voluntários compõem os grupos de Atenção Alternativa. Estas pessoas são especializadas - através dos cursos oferecidos pelo CAPC - na realização das terapias de auxílio aos pacientes (pág 05)



Fachada do prédio do CAPC em Forquilha, São José

O que é o CAPC

O Núcleo Espírita Nosso Lar (NENL) foi fundado em 1986. Somente no final de 1992 foi adquirida a sede própria em Forquilha. Três anos depois, a SEOVE - Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna, de Florianópolis, doou ao NENL um prédio de três andares em construção, no Ribeirão da Ilha. Surgiu daí, em 1997, o CAPC - Centro de Apoio ao Paciente com Câncer.

O CAPC é um hospital com capacidade para 34 pacientes. Com atendimentos totalmente vinculados ao Núcleo Espírita Nosso Lar, o coordenador de recursos humanos, José Manoel Nolasco, afirma que "o Centro de Apoio atende, interna, trata, alimenta, mantém, acompanha todos os pacientes, gratuitamente e sem convênios com a rede pública de saúde".

Tanto o NENL quanto o CAPC são mantidos por doações espontâneas dos colaboradores e simpatizantes. A principal fonte de recursos é a autorização para débito mensal em conta telefônica. Cerca de mil pessoas fazem doações através desse recurso, sem um valor específico.

Aqueles que se interessa-

rem pelos tratamentos oferecidos vão ao NENL. No local é feita uma entrevista. Em caso de problemas físicos, a pessoa leva seus exames médicos. Depois de analisado o caso, é feito o encaminhamento para tratamento, que pode ser feito no próprio NENL ou no CAPC.

Segundo o vice-presidente do NENL, José Jaime Matos, os pacientes são tratados com a medicina tradicional aliada à vibracional, que inclui tratamentos homeopáticos, fitoterápicos, utilização de cores, cristais e aplicações energéticas.

Quem se interessar pelos tratamentos pode procurar o Núcleo Espírita Nosso Lar (NENL) que fica na rua Arthur Mariano, s/n, no bairro de Forquilha, em São José. O telefone é o (48) 2476046.

O Centro de apoio ao Paciente com Câncer (CAPC) fica na Rodovia Baldicero Filomeno, 1747, no Ribeirão da Ilha, em Florianópolis. O telefone é (48) 237 6335.

As doações podem ser feitas pelos telefones 3370210 e 3370335, através de qualquer quantia no BESC: conta 97.000-2 / Agência nº 001, ou na Caixa Econômica Federal: cc 003/00.001.700-7 / Agência 1877.

Tratamentos usados pelo CAPC

Fitoterapia:

baseia-se no aproveitamento das plantas, suas tinturas, chás, extratos, dinamizações, etc. Os produtos são testados, analisados e

elaborados com o auxílio de três bioquímicos, que comandam 50

colaboradores diretamente ligados ao processo laboratorial.

Hidroterapia: É a técnica de tratamento de doenças, dores, traumatismos, estados de desequilíbrio emocional ou quaisquer distúrbios gerais da saúde através da água, aplicada de várias formas. A Hidroterapia pode dividir-se em duas partes fundamentais quanto à forma de uso: interno e/ou externo. O tratamento interno pode ser feito pela ingestão da água simples, de água mineral ou uso de clisteres. Externamente são feitas aplicações na forma de banhos ou compressas. No CAPC, o uso da Hidroterapia é direcionado à ingestão e aplicação externa de água misturada, como veículo, a substâncias energéticas extraídas de elixires de pedras preciosas, pedras semipreciosas e cristais.

Reprogramação Mental: as técnicas psicológicas visam auxiliar os pacientes no atendimento de suas necessidades emocionais, através de comportamentos mais adequados ao que eles escolheram para suas vidas. Atribuindo novos significados às suas experiências de vida e reprogramando-os mentalmente, através da modificação dos códigos lingüísticos e simbólicos instalados no seus inconscientes, eles têm a oportunidade de sentirem-se cada vez mais auto-confiantes e produtivos, livrando-se dos problemas emocionais que os afligiam.

Conta-gotas: esta terapia consiste em trabalhos de grupo onde os terapeutas incentivam a busca e o reconhecimento das pequenas emoções não registradas por falta de intensidade, e que, no entanto, quando somadas levam o ser humano ao total desequilíbrio, propiciando tomadas de decisões precipitadas e desordenadas.

Florais de

BACH: baseiam-se no princípio de que toda doença está na desarmonia entre os aspectos espirituais e mentais do ser humano. Por este motivo os remédios que são preparados se destinam

ao tratamento do estado de ânimo e do temperamento do paciente e não à sua doença física.

Os florais de Bach são receitados por terapeutas especializados no assunto.

Desmentalização: a atuação desta terapia está intimamente ligada ao tratamento espiritual propriamente dito (desobsessão). É, na acepção da palavra, o contato com o plano espiritual, a fim de serem solucionados os problemas de pacientes em desequilíbrio físico, moral ou do espírito – o que está diretamente relacionado com a doutrina da instituição mantenedora.

Terapia pelo Som: baseia-se na teoria de que os órgãos e as células do corpo reagem de modo específico a padrões determinados de compressão e dilatação. Julga-se que cada parte do corpo tem uma ressonância natural e reage bem aos sons que vibram em harmonia com ela. As vibrações dissonantes, pelo contrário, podem ter resultados prejudiciais. Acredita-se que a falta de saúde e a doença afetam a frequência com que os órgãos e células vibram.

Crioterapia:

Emprego do gelo como terapia. No CAPC o frio terapêutico é usado como condutor de fluidos e magnetismo pessoal de quem faz as aplicações fluidoterápicas até as partes do corpo que apresentam desenvolvimento celular anormal.

Reflexologia

Podal: Sua função é diminuir o stress, proporcionar relaxamento profundo, reequilibrar as funções vitais do organismo e as funções vitais de cada órgão trabalhado. A sua aplicação é feita nos pés, onde estes são mapeados por

áreas.

Passe: Transfusão de energia que altera o campo celular. Esta energia é direcionada pelo médium passista ao necessitado, através dos recursos da mente, para equilíbrio e harmonização do campo vibratório.

Geoterapia:

ciência do uso da terra. Aplicações de argila com o aproveitamento da sua energia (grande atividade atômica e magnética, de acordo com pesquisa realizada por duas universidades canadenses, em 1976) e dos seus efeitos como anti-inflamatória, cicatrizante e antiséptica, ligados diretamente a capacidade de cura e de restauração do tecido celular humano. Estas aplicações são realizadas com acompanhamento de terapeutas e médicos.

Massagem Terapêutica: atuando no tecido superficial ou mais profundamente, dependendo do caso, ela equilibra a Bioenergia do paciente, harmonizando-o física, psíquica e emocionalmente. Quando bem feita, alivia as tensões e dissolve bloqueios de energias nos músculos, corrigindo distúrbios funcionais dos órgãos.

P N L - Programação

Neurolingüística: é um conjunto rico de ferramentas e técnicas de comunicação, através das quais o indivíduo aprende a se conhecer melhor, viver melhor e a atuar de maneira positiva nas situações que o cercam. É, sobretudo, um modelo de comunicação que estuda como as pessoas se relacionam e como se comunicam consigo mesmas.

Casal de europeus adota criança órfã do Lar Recanto do Carinho

Mesmo sem saber se a criança era ou não soro-positiva, Nicholas e Annete não tiveram dúvidas ao aceitar como filho o pequeno H.R., que há dois anos morava no berçário da instituição beneficente.

Ana Paula Cardoso
da Redação do Zero

Nicholas Razey e Annette são ingleses e estão no Brasil há dois anos. Enquanto morava na Inglaterra, Nette, como a chamam, era professora, mas quando chegou aqui não pôde exercer a profissão por causa de seu português com sotaque. Foi aí que Annette, através da indicação de uma amiga, resolveu trabalhar no Lar Recanto do Carinho para continuar seu contato com crianças e melhorar seu português. "Essas crianças precisam de carinho e amor", declarou ela.

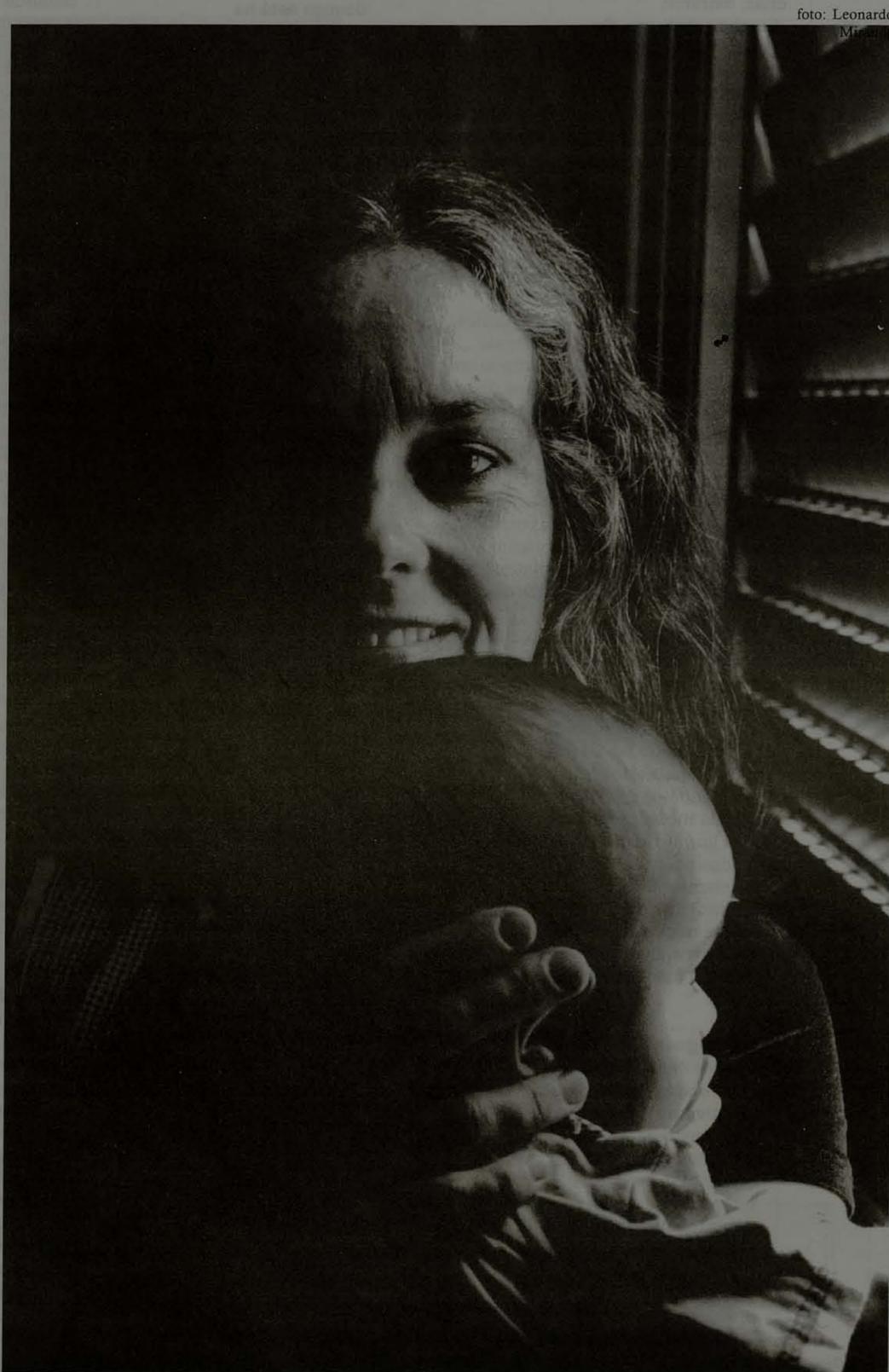
As atividades da inglesa no orfanato começaram em

"H.R. ficava sozinho no berçário porque não tem família. Sua mãe morreu de AIDS quando ele nasceu"

Annette Razey, professora

maio do ano passado, quando ia uma vez por semana ao berçário ajudar na troca de fraldas, dar mamadeira e brincar com as crianças. Conforme contou, algumas delas iam passar o fim-de-semana com os pais e outras não. Então, ela e seu marido, desde setembro de 1999, começaram a levar o menor H.R., de dois anos de idade, para casa nos fins-de-semana. "H.R. ficava sozinho no berçário porque não tem família. Sua mãe morreu de AIDS quando ele nasceu", conta Annette.

Desde que chegaram ao Brasil, Annette e Nicholas pensavam em adotar uma criança, já que não podiam ter seus próprios filhos. Eles contam que a partir do momento que puderam passar alguns dias com H.R., aumentou a esperança de tê-lo morando com eles. O menino era portador do vírus da AIDS, mas há dois meses ele está livre da doença. O casal in-



Annette e seu filho H.R., hoje com três anos de idade

foto: Leonardo
Mira

glês está com a posse do menor há três meses. Nicholas conta que H.R. não precisa fazer tratamento nenhum relativo a AIDS. "Nós o levamos ao pediatra, foram feitos vários testes e o que ele precisa é de vitamina D e algum medicamento para vermes", ressalta o pai.

"A decisão foi muito bem aceita na família toda", conta Annette entusiasmada. Segundo ela, todos ficaram muito felizes, livre de qualquer preconceito por ser um menino de uma instituição que abriga crianças portadoras de HIV. Tanto é que seus pais e sua irmã já vieram ao Brasil três vezes

visitá-los. "Eles querem muito bem ao H.R. porque é do conhecimento deles o quanto foi difícil para nós tentarmos ter um filho e não conseguir", disse Nette.

A rotina do casal mudou bastante. Quando moravam na Inglaterra, eles levavam uma vida bem agitada e ocupada. Hoje, Nicholas e Annette trabalham em casa para poder ficar mais tempo junto ao filho. "Como ele já está começando a andar e falar, nós preferimos ficar perto para ele poder crescer e se desenvolver mais feliz", diz ela. "Nós ficamos cada dia mais acostumados com essa nova vida".

O Trabalho no Lar

Janice Riela é voluntária e trabalha na instituição Lar Recanto do Carinho há cinco anos. Ela diz que já realizava esse tipo de trabalho em Sorocaba, antes de mudar-se para Florianópolis. "Eu só quis dar continuidade ao que eu já fazia lá", conta. O prazer de ajudar faz com que Janice dê assistência às crianças do berçário do Lar Recanto do Carinho todas as manhãs. "A recompensa é o carinho que se recebe das crianças, isso compensa qualquer coisa", ela conta satisfeita. O trabalho realizado por Janice no berçário é auxiliar nas trocas de fraldas, dar mamadeira, arrumar as camas e dar banho.

Dois psicólogos também realizam trabalho voluntário colocando em prática um programa sobre sexualidade. Os encontros com os adolescentes acontecem todas as noites de sexta-feira. Eles tratam de assuntos como AIDS, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), gravidez e sexo. Das crianças e adolescentes que moram no Lar Recanto do Carinho, uns têm pais com HIV positivo e outros são portadores do vírus. Ainda existem os jovens portadores de doenças mentais, visuais e até deficientes físicos, deficiências estas provenientes do vírus da AIDS. Márcia Lange Rila, coordenadora da instituição, disse que os jovens sabem que são soro-positivos ou têm doenças. Ela acrescenta que os portadores do vírus HIV recebem todo o tratamento necessário no Hospital Infantil Joana de Gusmão. "O fato de algumas crianças serem órfãs de portadores do HIV dificulta a adoção", opina Janice. A coordenadora contabiliza que até hoje já foram adotadas 26 crianças que moravam no Lar. Só neste ano foram adotadas seis. Os jovens do Lar Recanto do Carinho têm entre zero e 17 anos. Eles chegam através do S.O.S. Criança, do Conselho Tutelar ou do Juizado de Menores. Para sair da instituição, mesmo para passar o fim-

"Desde que chegaram ao Brasil, Annette e Nicholas pensavam em adotar uma criança, já que não podiam ter seus próprios filhos"

de-semana com a família, é preciso ter a autorização do juiz. Todas as quartas-feiras, as crianças que ainda têm os pais podem receber visitas, e os pais podem levá-los para casa nas sextas-feiras, explica a subcoordenadora da casa, Sandra Oliveira. Somente 17 desses jovens ainda têm contato com os pais, os demais são órfãos ou abandonados, pois são filhos de usuários de drogas pesadas ou os pais não têm condições de criá-los.

Precisa-se de voluntários

Mesmo contando com o apoio dos 30 voluntários, a instituição necessita de pessoas para trabalhar em qualquer setor do Lar. No momento falta alguém que desenvolva alguma atividade com os adolescentes na área de esportes. Para prestar trabalho voluntário no Lar Recanto do Carinho é preciso entrar em contato com a instituição e freqüentar as reuniões que acontecem no local toda primeira terça-feira do mês, às 14:00. Nesses encontros, as coordenadoras de voluntariado, Aparecida Nunes e Rosiane Gonçalves, dão orientações de como tratar as crianças e adolescentes, saber onde pretendem atuar, qual a proposta, procuram saber quais as dificuldades que os voluntários enfrentam, dão orientações de higiene (usar luvas para dar banho e trocar fraldas) e cuidados no tratamento e manipulação das crianças e jovens.

O Lar Recanto do Carinho é mantido com verbas que provêm de um convênio com a Secretaria da Família, doações e com a ajuda da prefeitura e do governo estadual, mas que não são suficientes. Segundo a coordenadora da instituição, Márcia Lange Rila, o convênio não cobre todas as despesas, pois só de farmácia, onde estão em débito, são gastos R\$ 3.000 por mês.

Quem estiver interessado em contribuir com qualquer tipo de doação, pode fazê-la através da TELESC pela fatura de telefone, ou depósito nas contas: Caixa Econômica Federal, agência 1348-0 conta Nº 488-0, ou BESC, agência 0199 Nº 001774-3; ou diretamente no local, Rua Rui Barbosa, 810 (fone: 2280024).

Aposentado encontra satisfação no trabalho com estudantes da APAE

Uma vez por semana, durante quatro horas, Roberto Yamada, 51 anos, administrador aposentado, atende cerca de cinco crianças deficientes na Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE) de Florianópolis. Ele desenvolve o shiatsu, uma técnica de massagem oriental, que tem o objetivo melhorar a circulação de líquidos e energia do corpo.

Roberto afirma que a decisão de realizar o trabalho voluntário veio através da sua própria experiência profissional. "Talvez a vivência e a idade fizessem com que eu começassem a questionar um monte de coisas da minha vida. Como por exemplo, o fato de trabalhar em empresas e não ver o resultado repercutido na sociedade. Isto gera uma frustração. Então decidi trabalhar de uma outra forma, independente de ser remunerado ou não. Estou fazendo o que gosto e estou ajudando as pessoas da melhor forma possível".

Para ele, o exercício do trabalho voluntário traz muita satisfação.

"Realizar trabalho voluntário é como se fosse uma necessidade pois, como o próprio nome já diz, é feito pela sua vontade. Mesmo que seja somente para um indivíduo, você está satisfazendo e atendendo as necessidades básicas dele. Além disso, as pessoas têm a oportunidade de conhecer o meu trabalho", afirma.

Segundo ele, a receptividade dos excepcionais em relação ao seu trabalho tem sido positiva. "Eu acredito que eles gostem bastante, porque dizem que costumam vir à APAE, e as crianças já ficam aguardando a minha chegada. Isso é muito gratificante, porque são pessoas que têm dificuldade em se comunicar. Muito mais do que recompensa financeira ou qualquer outra coisa, saber que você está ajudando uma pessoa que tem dificuldades nas coisas que são básicas para a vida dela já supera qualquer pagamento", completa.

Roberto afirma que não há muita diferença em desenvolver a técnica do shiatsu em um excepcional ou em uma pessoa normal. "Às vezes uma pessoa normal não consegue expressar a dor. Já uma pessoa excepcional consegue, dentro das limitações dela, transmitir aquilo que sente, aquilo que é bom ou ruim. Cada pessoa tem suas características próprias e particularidades, mas o tratamento é igual tanto para uma pessoa excepcional quanto para uma pessoa normal", declara.

Além de trabalhar na APAE, Roberto Yamada presta trabalhos voluntários no Hospital Universitário (HU) há três anos, fazendo massagens de shiatsu para os funcionários.

Karina Keller
da Redação do Zero

O QUE É SHIATSU?

O shiatsu é uma técnica de massagem oriental que consiste na pressão dos dedos e mãos em pontos e áreas específicas do corpo com o objetivo de melhorar a circulação dos líquidos e da energia vital do indivíduo, que no Japão é chamada de "ki". Segundo Roberto Yamada, "a melhora no fluxo de líquidos e da energia corporal traz benefícios para a saúde da pessoa como um todo".

"Dizem que ao vir à APAE, as crianças já ficam aguardando a minha chegada. Isso é muito gratificante, porque são pessoas que têm dificuldade em se comunicar."

Roberto Yamada, aposentado

Definição do Trabalho voluntário segundo as Nações Unidas:

O voluntário é o jovem ou o adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social ou outros campos..."

Os alunos da Associação recebem atendimento odontológico gratuito

Desafio Profissional

Outro exemplo de exercício de trabalho voluntário dentro da APAE é o da dentista Terezinha Lolli Savi. Ela atende, todas as quintas-feiras, durante a manhã, cerca de quatro pessoas, com idades que variam entre 4 e 70 anos.

A dentista afirma que sempre observou os problemas e as dificuldades que as pessoas tinham e, no início deste ano, surgiu a oportunidade de ser voluntária na APAE. "Eu escolhi esta instituição porque representa um desafio na profissão de um dentista e também por ser mais difícil de exercer este trabalho aqui do que numa outra entidade com pessoas normais. Na APAE, a doação é maior", diz Terezinha.

O atendimento odontológico aos excepcionais requer um trabalho de condicionamento mais demorado. "Normalmente na primeira consulta não conseguimos fazer nada, precisamos de três ou mais consultas para poder

fazer algum tipo de tratamento", destaca a dentista.

Terezinha diz sentir-se muito bem exercendo este tipo de trabalho, porque a troca de carinho é muito grande. "Eu ofereço um tratamento diferenciado e mostro uma atenção especial por eles. Então eles passam a retribuir todo esse amor de volta. Quando me vêem, me abraçam. Fico gratificada por ter ajudado uma pessoa especial," diz.

Por enquanto, a dentista só trabalha como voluntária na APAE. Mas a partir do final do ano, ela já deve começar a trabalhar como voluntária no Asilo Irmão Joaquim, onde um consultório está sendo montado.

Outros Voluntários

Além destes dois voluntários, a APAE conta com o trabalho de mais 12 pessoas que desenvolvem atividades que vão desde aulas de capoeira até o serviço de cabeleireiro. A instituição possui atualmente cerca de 235 alunos. Existem também pessoas que fazem trabalho voluntário nos seus próprios consultórios, como oftalmologistas, médicos, especialistas e dentistas. Neste caso, a consulta é marcada pelo pessoal da APAE

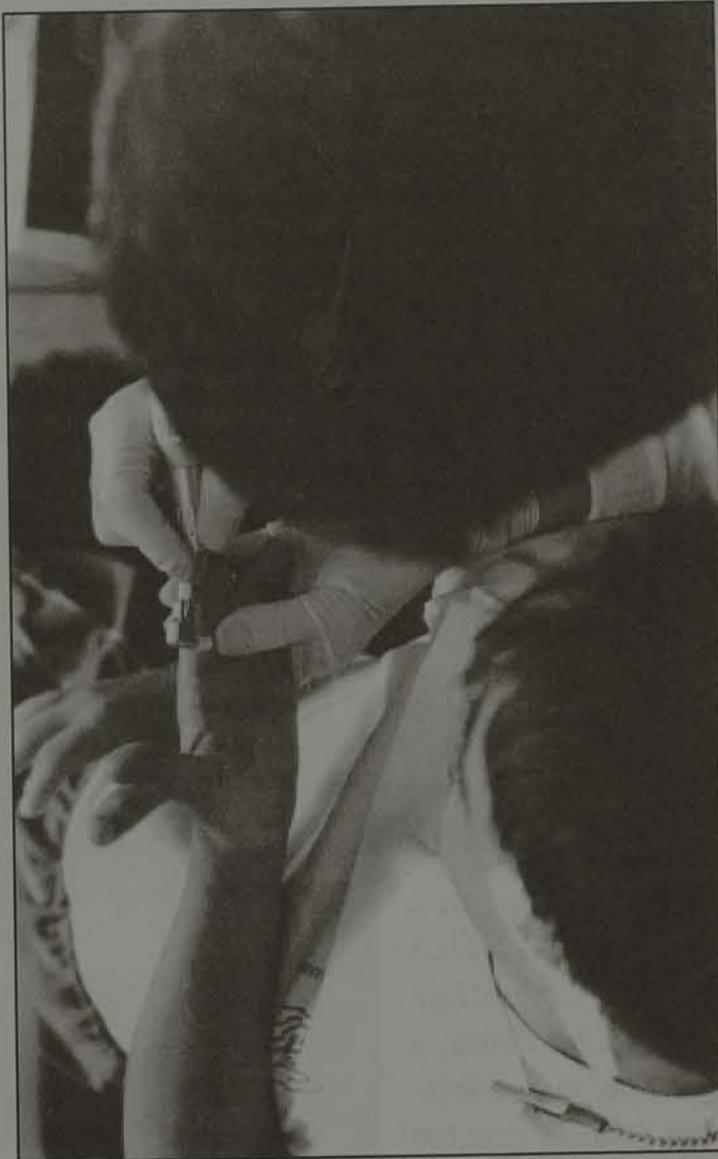
e os pais do excepcional se encarregam de levá-lo ao consultório.

A APAE também recebe pessoas que necessitam realizar o trabalho voluntário por algum motivo. "Estamos abertos para receber pessoas que cometeram crimes e necessitam exercer trabalho voluntário para pagar a pena. Às vezes eles fazem alguma doação ou vêm aqui trabalhar por algum período", afirma a assistente social da instituição, Jaqueline Pickler.

Jaqueline diz que existem duas maneiras de uma pessoa interessada em trabalhar como voluntária entrar em contato com a instituição. "A pessoa pode ligar para a APAE e nós combinamos um dia para conhecer a escola e para que ela mostre sua proposta de trabalho. A outra forma é fazer o cadastro na Central Voluntários em Ação que encaminha os interessados para a entidade". Ela lembra que a instituição necessita de pessoas que venham com uma proposta definida, para realizar trabalhos como dança e teatro e faz um apelo: "A APAE também necessita do trabalho de um médico".

Ela destaca que o objetivo da APAE não é inchar a instituição com voluntários, e sim conquistá-los. "Apesar de necessitarmos muito do trabalho voluntário, queremos aquela pessoa comprometida, que venha sistematicamente e que seja responsável. Na medida em que conseguimos dar conta da demanda, nós aceitamos."

Segundo ela, a orientação passada para os voluntários é para que tratem os alunos como pessoas normais. "É a nossa filosofia tratar o portador de deficiência como uma pessoa normal, que apenas tem um pouco mais de limitação".



Terezinha atende todas as quintas-feiras na Apae, no Itacorubi
Novembro de 2000

Programa Voluntários em Ação leva os interessados até as instituições

O Instituto Voluntários em Ação de Florianópolis cadastra pessoas interessadas em ajudar instituições comunitárias. Qualquer aptidão do voluntário pode ser aproveitada nas entidades atendidas pelo programa.

Guilherme Triches
Da Redação do Zero

Em 2001, será comemorado o Ano Internacional do Voluntário e o crescente número de pessoas dispostas a ajudar os necessitados motiva o evento. Tudo começou a partir da década de 90, quando surgiu a Ação da Cidadania Contra a Miséria e pela Vida, liderada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que mobilizou grande número de pessoas interessadas em ajudar as pessoas à margem da sociedade. Neste contexto, nasceu o

programa Voluntários em Ação de Florianópolis (VAF), que contribui com a promoção do trabalho voluntário e direciona a pessoa interessada a prestar auxílio às entidades necessitadas.

A criação do programa VAF foi incentivada pelo projeto Comunidade Solidária, criado por Ruth Cardoso, esposa de FHC, e visa discutir estratégias de combate à exclusão social. A partir de 1996, passou a incentivar a criação de centros de voluntariado. O trabalho do VAF pretende substituir os antigos métodos de ajuda volun-

tária. Antigamente, as pessoas se disponibilizavam por motivos religiosos, familiares ou pessoais. O trabalho era descontínuo e sem a especialização necessária para determinada carência. O programa Voluntários objetiva direcionar para as instituições pessoas responsáveis e competentes, que busquem em suas atividades voluntárias eficiência nos

umas das outras, mas possuem uma rede via internet onde discutem questões semelhantes. Elas atuam nas áreas de saúde, assistência social, educação, meio ambiente, cultura e lazer.

O trabalho deste Centro consiste, em primeiro lugar, no cadastro das entidades interessadas em receber ajuda voluntária. Este cadastro geral-

coordenador da organização escolhida. O coordenador orientará e um supervisor avaliará a satisfação do voluntário. Setenta entidades já foram cadastradas pelo Instituto Voluntários em Ação de Florianópolis que atende, além da capital, São José, Biguaçu e Palhoça. O VAF também apoia iniciativas de realizações comunitárias por parte de pesso-

as de um determinado lugar. A coordenadora técnica do instituto, Ana Maria Warken do Vale Pereira, conta que as pessoas não conhecem o sentido real do trabalho voluntário. "Infelizmente no Brasil, quando se fala em trabalho voluntário, logo se relaciona com crianças, velhinhos e deficientes. Na verdade, envolve todas as necessidades da comunidade".

O Voluntários em Ação funciona

com o auxílio de parcerias. Um empresário cede a sala da sede do Instituto e outros parceiros auxiliam com os serviços de correio, impressão e no pagamento de funcionários.

Amigos da escola

O projeto Amigos da Escola, que teve iniciativa da Rede Globo e em Santa Catarina é coordenado pela Fundação Maurício Sirotsky, figura como mais uma organização cadastrada no instituto Voluntários em Ação. Esta iniciativa abrange as escolas públicas, que são entidades apoia-



Foto: Leonardo Miranda

O Carinho é a marca do trabalho voluntário em creches

serviços prestados.

O programa Comunidade Solidária, por sua vez, divulga os serviços dos centros de voluntários, fornecendo materiais ilustrativos e produzindo comerciais, além de promover contatos e eventos com organizações internacionais de voluntariado.

O Trabalho do VEA

No Brasil existem 30 Centros dos Voluntários e, em Florianópolis recebe o nome de Instituto Voluntários em Ação. Estas entidades não-governamentais são independentes

mente acontece a partir de um telefonema, sendo que a entidade recebe de dez a quinze ligações por dia. A seguir, são marcados encontros com os interessados.

Nestas reuniões são apresentadas a filosofia do trabalho voluntário sugerido pelo instituto e uma lista das entidades cadastradas. As entidades estão relacionadas por área de atuação e seus objetivos, atividades e seu perfil, descritos na lista.

As pessoas dispostas a realizar serviços junto às instituições são encaminhadas ao

das no projeto. O Amigos da Escola não envolve a proposta pedagógica de substituir professores. Neste sentido, procuraram-se pessoas dispostas a fazer reforço escolar. Preocupação com a saúde e melhorias da situação física dos prédios das escolas também são focos do projeto.

A creche São Francisco de Assis, na Serrinha, é uma das entidades cadastradas no Instituto Voluntários em Ação. A creche foi fundada há dezenove anos por moradoras da comunidade que resolveram doar um pouco do seu tempo para atender as crianças do Bairro. Ela conta com o apoio da Prefeitura, do Estado, da paróquia da Santíssima Trindade e dos voluntários que chegam até a creche orientados pelo Voluntários em Ação ou por iniciativa própria. A pedagoga da creche, Rovânia Fabre Nunes, avalia o trabalho voluntário como importante na comunidade. "Além das pessoas contribuírem com a creche, creio que elas também são ajudadas com o sentimento de satisfação pessoal que envolve cada ato bem desenvolvido".

Rovânia falou ainda do grande número de voluntários que estão apoiando a instituição: "Estamos recebendo um satisfatório número de pessoas engajadas em oferecer trabalho voluntário, sejam guiadas pelo Voluntários em Ação ou por iniciativa própria de vir até aqui. Só estamos sentindo falta é de pessoas da própria comunidade interessadas em fazer este tipo de serviço, inclusive da Universidade".

Os interessados em cadastrarem-se no Instituto Voluntários em Ação, devem ligar para o número 222-1299 ou irem até a sede localizada na Rua Deodoro, 226, sala 701, no centro de Florianópolis.

CVV atende 24h todos os dias

O atendimento funciona sem intervalos, mesmo no Natal e no Ano-novo

Mariana Mesquita
da Redação para o Zero

Atuando desde 1992 em Florianópolis, o Centro de Valorização da Vida tem como principal proposta o combate ao suicídio. Com cerca de 50 voluntários trabalhando em sistema de revezamento, o CVV presta atendimento telefônico e pessoal gratuito às pessoas que estiverem atravessando períodos de carência emocional e tenham vontade de partilhar suas aflições.

Esse modo particular de ajudar ao próximo nasceu em São Paulo há 38 anos, quando um grupo de jovens decidiu percorrer hospitais para conversar com pessoas que já haviam tentado tirar suas próprias vidas. Passado o tempo, o trabalho amadureceu e os voluntários

perceberam que buscar as pessoas não era o melhor procedimento, pois muitas delas se mostravam incomodadas com as lembranças. Foi quando os voluntários deixaram de procurar e passaram a acolher, oferecendo tempo e ouvidos para qualquer tipo de desabafo.

Carmem, "apenas Carmem" é uma das voluntárias do posto de Florianópolis, um dos 47 espalhados pelo Brasil. Ela, que toda semana reserva 4h30 de seu tempo para o CVV, explica que informações como sobrenome, profissão ou renda, são

irrelevantes, e o que realmente importa é a disponibilidade para ajudar e a vontade de ser ajudado. Além de não passar informações próprias ou de outros voluntários, Carmem explica que os pressupostos básicos no trabalho realizado pelo CVV são o sigilo nos atendimentos e a decisão de não dar conselhos àqueles que procuram o posto.

Para buscar ajuda, o dia e a hora pouco importam. Em qualquer época do ano, seja no Carnaval, Natal ou Ano Novo, os voluntários estão lá, sempre prontos a ouvir. O posto de atendimento fica em uma casa antiga de nº 321, na Rua Victor

seus problemas, Carmem explica que existem aquelas que preferem conversar com alguém do CVV porque sabem que lá não haverá cobranças, julgamentos ou críticas. "Algumas pessoas ligam, choram, agradecem e desligam", conta a voluntária.

O método

Partindo do pressuposto, de que respeitar a pessoa significa acreditar que ela tenha condições de resolver seus problemas, o CVV adota a linha humanística da psicologia, chamada de não diretividade, onde o papel do voluntário é de mediar a auto conscientização. "Nossa proposta é de levá-la à tranquilidade e à identificação do que ela sente em relação ao processo que está passando", explica Carmem.

Apesar de não ter objetivos terapêuticos, o CVV conta com uma equipe muito organizada e está em constante crescimento. Divididos em quatro grupos, eles cuidam da manutenção do posto, da divulgação do trabalho, do estudo, e ainda, do treinamento de novos voluntários. Para trabalhar como voluntário basta ter boa vontade, disposição em fazer um curso de 11 aulas com três horas de duração cada e disponibilizar 4h30min por semana para trabalhar no posto.



Konder, centro da capital. Os voluntários atendem a telefonemas 24 horas por dia e abrem as portas do posto no período das 7h às 22h para as pessoas que preferirem o contato direto. Curiosamente, Carmem explica que a maioria das pessoas que procuram o CVV nunca pensou em suicídio: "geralmente é alguém que está muito carente, necessitando de atenção, mas que muitas vezes não tem pra quem dizer o que está se passando. Nossa proposta é pegar o indivíduo no início do processo e prevenir o suicídio". Além das pessoas que não têm com quem partilhar

Voluntários se identificam com as crianças

Ajudantes dos hospitais admitem ser difícil não se envolver emocionalmente com os pacientes

Foto: Leonardo Miranda

Magaly Negrão
Da Redação do Zero

"O voluntário exerce um trabalho de maternagem", afirma Maria Gertrudes da Luz, presidente da Associação de Voluntários da Saúde do Hospital Infantil Joana de Gusmão (AVOS), em Florianópolis. "As crianças de outras cidades que vêm se tratar aqui ficam meses sem ver os pais, por isso são acompanhadas por alguém de nosso grupo", explica.

Fundada há 21 anos, a Associação conta com 80 membros, entre assistentes sociais, psicólogos e pedagogos. Maria Gertrudes trabalha como voluntária desde 1975, quando se juntou a mais duas amigas no antigo Hospital Edith Gama Ramos, junto à Maternidade Carmela Dutra. Naquela época, os pais não podiam ficar junto aos filhos no quarto do hospital. Elas faziam companhia, conversavam, brincavam e ajudavam as crianças. Somente com o Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado em 1990, as crianças adquiriram o direito de ficar com os pais. E mesmo com a mudança, o voluntariado continuou.

Eventos e Obras

Hoje, além de fazer a decoração das unidades, ajudam diretamente crianças de zero a 15 anos e prestar apoio aos pais, os voluntários também promovem eventos, como bazares e chás para arrecadar fundos para o pagamento de remédios, tratamentos e até passagens para crianças carentes. Um outro fun-



Voluntários fazem companhia às crianças que passam muito tempo no hospital sem ver os pais

do foi criado para a realização de obras no hospital, com doações feitas pela comunidade e empresários. Algumas dessas obras são o Ambulatório de Oncologia, central telefônica e o albergue, que abriga 32 pessoas.

Amélia Maria F. Annes, de 52 anos, é voluntária do hospital há quatro anos. Pro-

fessora do Ensino Fundamental, começou a ajudar as crianças carentes para quem dava aula. "Já havia despertado a vontade de ajudar", diz ela. Amélia começou como voluntária no Hospital Universitário, mas não se adaptou. Resolveu então conhecer o trabalho no Joana de Gusmão, e logo começou a trabalhar na

unidade da internação da Oncologia, dando apoio às mães. Para ela, o voluntariado é um trabalho gratificante, mas que em alguns momentos pensou em

"É preciso querer ajudar, estar disposto a aprender e deixar que os outros aprendam com você."

Marisa Ortiga, voluntária

desistir, devido a problemas emocionais. "Fiquei muito envolvida com as crianças, aí não soube lidar com a morte de alguma delas. Hoje, já superei isso". Marisa Ortiga, de 62 anos, voluntária no hospital há 11 anos, diz que as pessoas acabam se apegando às crianças e sofrendo com elas, por isso procura não guardar o nome de nenhuma.

Desde o início do processo de seleção de voluntários há o acompanhamento psicológico. "Por isso não há mais tantas de-

sistências como antes", afirma a psicóloga Karla Patittuci, que junto com Marisa entrevista os candidatos. "É preciso querer ajudar, estar disposto a aprender e deixar que os outros aprendam com você", orienta Marisa.

Quem quiser ser voluntário do Hospital Infantil precisa ter mais de 18 anos, preencher uma ficha e passar pela entrevista. Sendo aprovado, vai escolher a unidade que gostaria de trabalhar, precisando se dedicar pelo menos uma tarde por semana. Mas uma exigência é feita: "Que a pessoa nunca traga os problemas para cá, assim como, quando for para casa, ela não levará os problemas daqui", conclui Marisa.

O telefone para contato do Hospital Infantil é 251 9017, Setor de Voluntários.